

ARTE COMO PAZ IN-CORPO-ORADA

Márcia Virginia Bezerra de Araújo¹

RESUMO: Este artigo trata de um depoimento acerca das atividades realizadas durante os seguintes eventos conjugados: Simpósio Internacional IV Across The Threshold: Creativity, Being and Healing, II Encontro de Estudos em Movimento e IV Seminários Transculturais de Teatro e Dança, realizados na UFBA, em Salvador, no período de 3 a 8 de outubro de 2011. Com ênfase nos aspectos subjetivos provenientes das práticas e demonstrações sobre práticas corporais de movimento de arte, de cura, aborda a importância de viver a espiritualidade através da arte do corpo e no corpo.

Palavras-chave: Sabedoria do corpo. Arte. Ritualidade. Paz-ciência.

ABSTRACT: This article is a consideration about the activities undertaken during the following events combined: IV International Symposium Across The Threshold: Creativity, Being and Healing, Second Meeting of Studies in Motion IV Transcultural Seminar Theatre and Dance, held at UFBA Salvador, the period of 03 to 08 October 2011. With emphasis on subjective statements from the practices and on practices of body art movement, healing, explains about the importance of living the spirituality through body art and on body.

Keywords: Body wisdom. Art. Rituality. Peace-Science.

*Em cada um de nós vive uma imagem daquele que deve
vir a ser.*

Enquanto não a realiza, não alcança a paz.
Friedrich Reicker

¹ Professora do curso de Licenciatura em Dança da UFPE. Mestra em Antropologia Cultural (UFPE) e Doutora em Artes Cênicas (UFBA). Participa da formação para certificação como Líder de Danças da Paz Universal da Peace Works International Network for the Dances of Universal Peace, com a supervisão de ANAHATA IRADAH (EUA).

Do corpo ao conceito, da sabedoria do corpo ao entendimento da mente, a não dualidade corpo-espírito. Estes ensinamentos foram constantes e intensos durante o Simpósio, provenientes das práticas e demonstrações sobre práticas corporais de movimento, de arte, de cura, enfim, de viver a espiritualidade através da arte do corpo e no corpo, tais como o Kundalini Ioga, a cura com o som de cristais, o ritual africano de libertação dos escravos, o trabalho de improvisação a partir da estrutura conectante denominada *fascia*, (abordagem Laban/Bartenieff de Educação Somática), a vivência em pintura corporal, a roda de Danças da Paz Universal, complementando as reflexões acerca do diálogo entre a ciência e a experiência, como, por exemplo, o diálogo sobre medicina integrativa.

Quando tratamos do corpo como conhecimento artístico, nos deparamos com situações de aprendizagem e autoconhecimento. O produto poético é sempre resultado de algo que se modificou nas pessoas, e não apenas num nível de treinamento técnico, de preparação corporal ou de qualidade expressiva, mas algo em sua corporeidade como um todo.

A alegria gerada pela energia proveniente da experiência corporal de movimento parece ser o fundamento da saúde física, mental, espiritual. Durante uma semana dedicada intensamente a estas experiências energizantes, nos permitindo estar de maneira mais integral, juntando nossas partes mais harmoniosamente, o resultado em processo é o de nos permitirmos simplesmente SER, seguindo o fluxo dos acontecimentos, com satisfação. A percepção da energia no e através do corpo, abordada por Jacqueline Hand, pode ser compreendida em várias dimensões, conforme a concepção de corpo e de energia de cada pessoa, como ficou bem observado, quando da divertida dinâmica proposta pela mesma, de distribuição no palco das pessoas, que se localizavam nos lugares indicados, à medida que se atribuíam identificações a cada paradigma ou estado da arte sugerido por ela, em relação às ciências, artes ou abordagens corporais. Como exemplo, posso citar: ciências mais “duras” ou visões mais tradicionais acerca do corpo, ou abordagens somáticas, e ainda visões mais holísticas sobre corpo, consciência, saúde, arte. Foi interessante observar algumas pessoas passeando por todos

os lugares, indicando suas aberturas para todos os paradigmas existentes, no sentido de aproveitar os conhecimentos anteriores que contribuíram para um entendimento mais amplo sobre a corporeidade. Por outro lado, alguns preferiram se situar num lugar conhecido e seguro, lidando com conceitos e noções mais claras e objetivas, embora sinalizassem perceber e sentir algo que não conseguiam explicar com palavras.

E foi justamente este algo indizível que permeou os discursos orais-corporais, durante o simpósio, algo da ordem da Energia, dos estados de corpo e de consciência, para além do estritamente físico, mas passando pelo que Rudolf Steiner² nomeia corpo etérico, corpo astral e corpo espiritual, este último também chamado de Eu superior.

À medida que acontecia, a programação ia nos permitindo fazer a ponte entre o conhecimento e a sabedoria, entre a ciência e a espiritualidade, a partir das tradições culturais e dos arquétipos universais contidos em cada abordagem focalizada, cujas interfaces com a arte, em especial aquelas que se manifestam via corpo, vivificaram em todos o estado de presença indispensável ao ser saudável na vida contemporânea.

Tanta vida e energia foram experimentadas nos lembrando da força interior que temos e que basta acionar de maneira eficaz aquilo que está a serviço de todos, presente na sabedoria do corpo, desde aspectos mais sutis até os mais palpáveis, como o som da voz e a sinestesia dos sentidos e do movimento. A experiência tornada consciente parece ter sido o papel das atividades físicas abordadas nesta semana, no sentido de nos tirar do automático imposto pelas exigências do cotidiano, assim como as reflexões teóricas também nos alertaram para uma maior apropriação de nossos sentimentos de integralidade com ser humano.

Resta-nos alimentar todos os dias esta fonte de energia proveniente da sabedoria do corpo, relembrada a nós durante o intenso evento; continuo fazendo alguns exercícios da Kundalini Ioga, ensinados por Keval, indicados para fortalecer a aura,

² Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, uma ciência espiritual caracterizada como método de conhecimento do ser humano, que se baseia na Pedagogia Waldorf e em outras áreas do conhecimento e da vida humana.



assim como escutando os mantras de abertura e de fechamento de suas aulas (*opening mantra e closing song*).

Jorge Larrosa Bondía, em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), coloca o fato de podermos ser transformados pela experiência, a medida que nos colocamos como lugar de passagem ou como ponto de chegada, ou como espaço do acontecer. A ênfase na experiência não valoriza a conceitualização do presente. Durante a vivência, é importante mesmo experimentar, sem tentar interpretar, fazer apenas observando o que se passa em si, sem julgamentos, para estar mais receptivo e aberto ao novo. Para Bondía (2002), a experiência é uma coisa cada vez mais rara no mundo globalizado, devido ao acúmulo de informações a que estamos submetidos, manipulados também pela velocidade das opiniões, notícias e novidades efêmeras.

Para este autor, o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. A experiência que faz sentido seria aquela que nos toca existencialmente, a que traz “a possibilidade de que algo nos aconteça”. O saber da experiência é o que se adquire no modo como vamos dando sentido ao que nos acontece, pois se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Isso é o que permite a ampliação do conhecimento, segundo diversas tradições culturais. Acrescento a essa noção de experiência a ideia de que a finalidade da experiência é nos lembrar de que temos uma sabedoria maior a nosso serviço, como Nietzsche afirmava: “há mais sabedoria em teu corpo do que na tua melhor sabedoria”.

Considerando que durante o evento foi mais uma vez despertada em mim a lembrança desta sabedoria, posso destacar que o que mais me marcou foi a descoberta de que estou no caminho de realização de meu propósito, de minha missão na pesquisa, no ensino e na vida social, a medida que observei, não apenas a fantástica energia de cura despertada ao longo da semana, mas também que esta energia ainda estava a serviço de um sentimento de paz, por que não dizer, a serviço do plano espiritual maior.

Senti que alcançamos mais um degrau em nossa própria evolução pessoal, nos reencontros com nossa fonte divina e a de cada um dos participan-

tes, mas também percebi que a paz incorporada reverberava para outros seres visíveis ou invisíveis. Em relação à prática das Danças da Paz Universal³, que focalizei brevemente no segundo dia e no fechamento do evento, houve um momento muito especial, quando cada participante falou em voz alta a quem dedicava esta roda de dança, entre eles, o professor Muz, que revelou sua mediunidade de vidência, dedicando nossa roda ao povo Malê⁴, que esteve presente no início, provavelmente quando fizemos uma dança-música do Islamismo (*Bismillah, Alahamdulillah, Lab Il Laba Ill Allah*).

Para mim, foi uma surpresa, um fato novo, embora seja de praxe, após uma roda, dedicar aos seres visíveis e invisíveis que estiveram presentes. Até então, pensava que a harmonia gerada no grupo, pelos cânticos e movimentos, por si só bastasse para despertar a paz interior e coletiva, despertar a sacralidade do ritual de comunhão entre as pessoas, também despertadas em relação ao seu ser divino interior, com a ajuda das tradições transmitidas pelos mestres das danças da paz, em especial, pelo americano judeu Samuel Lewis (1886-1971). No entanto, evocar o nome de Allah traz também a qualidade ancestral de uma tradição espiritual antiga, cujo sentido esotérico remonta a épocas antes de Cristo. Sem me deter na questão da resistência que vários alunos meus da graduação e pós-graduação em dança têm com os diferentes nomes de Deus evocados nestas danças, a saber *Allah, Allaba, Elohim, Elat, Buda, Cristo* etc., sempre tentava convencê-los de que as danças serviam apenas para despertar nossa amorosidade universal, para que a questão da religião e da espiritualidade não trouxesse questionamentos a ponto de prejudicar o entusiasmo com as pesquisas artísticas.

³ As Danças da Paz Universal possuem um vasto repertório, que inclui danças-músicas de várias tradições, em especial a tradição nativa do Oriente Médio (LEWIS, 1993), consideradas como práticas de oração corporal, muitas delas já traduzidas para as línguas do Ocidente (DOUGLAS-KLOTZ, 1996, p. 28). Vale ressaltar que a palavra “Islã” significa “paz”.

⁴ Em relação ao povo Malê, é sabido que vieram como escravos da África para o Brasil, em especial, a Bahia, e se diferenciavam por saberem ler e escrever, pois eram povos mulçumanos adeptos do Alcorão, assim denominados por terem sido convertidos ao Islamismo por ocasião da invasão árabe.

Após o simpósio, portanto, cheguei à compreensão de que as dimensões de realidade não estão separadas e que as danças podem mesmo atingir tais dimensões, a meu ver, fundamentais para a criação artística; vale salientar que meu aprofundamento nas referidas danças se deu desde a pesquisa de doutoramento em artes cênicas na UFBA, cuja pesquisa em danças-músicas rituais teve a orientação de Ciane Fernandes, que incentivou e apoiou minha busca por um método de ensino em dança voltado para a ritualidade e a espiritualidade, através da associação entre os princípios rituais e os princípios Laban/Bartenieff de Educação Somática.

Embora existam fronteiras entre o conhecimento que se produz na universidade e outras dimensões do universo humano, encontramos, neste evento, profissionais que já trabalham com uma visão ampla de realidade. Este encontro de professores/estudantes/almas iluminadas fortaleceu um pouco mais os nossos seres sábios (muni) dentro de nós, para que a paz e o amor pudessem fluir suavemente, de cada um para si mesmo e para todos os presentes. Em alguns momentos de maior tensão, que exigiu mais dos trabalhos grupais, parece ter havido uma força paralela, dizendo que estava tudo certo e no seu devido lugar, fato que foi constatado ao final do evento, com a harmoniosa performance-ritual na mata do campus de Ondina, da qual o público participou sonorizando. Vale ressaltar que cada um dos participantes, vindos de um ponto de suas jornadas, demonstrou excelentes níveis de consciência de si e do outro, colocando sua sabedoria a serviço de todos, fato que contribuiu para que os outros participantes se abrissem mais para o grande mistério de sua própria jornada artístico-acadêmica.

Mãe + in = amein = amém

No meu entendimento, ainda que em processo e provisório, a vida é bem vivida quando se considera seu lado espiritual, o lado que sustenta nossa humanidade, com tudo o que ela precisa em termos de amorosidade, amizade e confiança. Confiança na própria sabedoria do corpo, confiança no coração aberto dos outros, consciência no fundamento de que cada ser individual está atrelado à grande mãe,

matriz de todas as coisas limitadas e ilimitadas, na nossa animalidade, mas também na nossa humanidade, na essência de nossas almas, na realização de nossos propósitos. É curiosa a associação que podemos fazer com a etimologia da palavra *Amén*, que significa *Assim seja*: Mãe + in = amein = amém = amem = amemos.

Nas Danças da Paz há uma dança-música⁵, de Murchid Hazrat Inayat Khan, que usa a expressão “*hînên?*”, que significa “Eu estou aqui”, no sentido de realizar a vontade de algo, maior ou anterior, desse Eu que é eterno, o que não invalida nossa experiência do presente, uma vez que é no presente que desejamos que “assim seja”, que “assim sejamos”, como seres criativos e curativos.

O ser saudável, na contemporaneidade, pode ser encontrado entre aqueles que compreendem o ato de viver o sagrado na arte, confirmando a qualidade do divino da obra de arte, o que parece ser uma tendência das buscas internas das gerações contemporâneas, uma espécie de reencontro com tradições étnicas, as quais trazem fortemente o conteúdo espiritual.

A necessidade ontológica do ser humano de viver rituais, nos quais o corpo se submete a mudanças, está ligada à possibilidade de encontro com sua realidade mais primordial, de pertencimento às linhagens de sabedoria de nossos ancestrais, dos ancestrais do planeta, ou que nos identifiquemos *camaleonicamente* – termo utilizado pelo professor Richenel Muz, em sua palestra –, com alguma tradição, antes desconhecida. Todas as culturas mantêm traços arcaicos, muitos deles manifestados artisticamente, assim como tais manifestações possuem símbolos universais, arquetípicos, que nos fazem lembrar a existência de uma espiritualidade anterior à nossa jornada na Terra, como nos lembra o primeiro verso do gênesis, dançado por todos no encerramento do simpósio: *B’reshith bara Elohim eth-ha-shamayim weth-ha-aretz.*

⁵ *Usa-nos para a meta
que a tua luz escolheu
e guia-nos no caminho
de tua bondade
hînên! (três vezes)
Nihwê tzebnýánâkh aykaná d’ bwashmayá áph b’ áh*



Concluo este depoimento com o sentimento de que o “bem-amado” está em nós mesmos e no outro. Sejamos cada vez mais sábios, permitindo que, toda vez que nos reencontrarmos, possamos relembrar dessa sabedoria e compartilhar com todos essa grande comunhão de expressão da arte ritualística, da arte de celebração da sabedoria do corpo ou da **paz in-corpo-orada**.

Seguem umas palavras conjugadas, para recriarmos nosso encontro:

PAZ
 PACIÊNCIA
 PAZ-CIÊNCIA
 PAZ COM CIÊNCIA
 PAZ CONSCIÊNCIA
 PAZ CON SCIÊNCIA CON FIANÇA
 CIÊNCIA CONFIANTE
 CON FICIÊNCIA
 CIÊNCIA-ESSÊNCIA
 ESSÊNCIA INCORPORADA
 PAZ INCORPORADA
 CORPORIDADE
 CORPO RI FICAÇÃO
 COR PURIFICAÇÃO
 CORPORA AÇÃO
 IN CORPO RAÇÃO
 CORPO ORAÇÃO
 C ORAÇÃO
 CO RAÇÃO
 CO RAGEM
 COR TEMPLAÇÃO
 INS PIRAÇÃO
 INCORPO RAÇÃO
 PAZ IN CORPO ORADA
 NO NOSSO CORPO-CORAÇÃO-CAMALEÃO

Ya shakur (gratidão)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Márcia Virginia Bezerra de. *Gestos cantados: uma proposta em dança-coral a partir de princípios rituais*. 2008. 433f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, SP: Unicamp, n. 19, p 20-28, 2002.
- DOUGLAS-KLOTZ, Saadi Neil. *O livro sufi da vida*. 99 trilhas do coração para o dervixe moderno. Escola Sufi Sahkur, 2004. Tradução livre e coletiva do grupo DPU Salvador.
- _____. *Sabedoria do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. *Danças da paz universal: missão sagrada e transmissão*. Um relato sobre o centro das danças e treinamento (1982-1992). Apostila,s/d.
- FOUNDATION DANCES & WALKS: Dances of Universal Peace. *A Manual for Mentors, Certified Teachers and Mentees*. Copyright 2001, PeaceWorks International Network for the Dances of Universal Peace, 3rd rev. ed.
- LEWIS, Samuel L. *Spiritual dance and walk: an introduction to the dances of Universal Peace and Walking Meditations of Samuel Lewis*. Seattle: PeaceWorks, International Center for the dances of Universal Peace, 1993.